

Brasil

Express acha que país ganhou credibilidade

Brasília — Os bons resultados alcançados pelo Brasil em seu programa de ajuste econômico — especialmente o superávit comercial e a redução nas importações de petróleo — permitirão ao governo condições de pleitear "inovações" nas próximas negociações com o Fundo Monetário Internacional e com os bancos credores. Até novembro, época da negociação com os credores, os resultados podem ser ainda melhores.

Esta é a opinião de James Robinson III, presidente da holding da American Express, um dos 20 maiores grupos financeiros dos Estados Unidos. Robinson III e cinco diretores da corporação almoçaram ontem com o Ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore. Depois, foram ao Palácio do Planalto, onde tiveram audiências separadas com Ministro do Planejamento, Delfim Neto, e o Presidente Figueiredo.

James Robinson III explicou que entre as "inovações" que o Brasil poderá pleitear em novembro próximo está a renegociação da dívida por um período de três anos. Pode ainda propor condições semelhantes àquelas apresentadas pelos mexicanos, com

prazo de 11 anos para pagar o principal e sete anos de carência.

Proposta suíça

Robinson — tendo ao lado o chairman do banco American Express International, Edmond Safra, e o chairman do Banco Safra, Joseph Safra — informou que os credores estão atentos aos progressos no ajustamento econômico brasileiro. Um sítomata deste reconhecimento é a proposta do presidente da União dos Bancos Suíços, Robert Holzach, feita a Galvães anteontem, para que o Brasil converta parte de sua dívida em dólares para francos suíços e pague uma parcela do débito com bônus do Tesouro Nacional ou de empresas estatais.

— É uma demonstração de grande confiança no Brasil, mas esta é apenas mais uma idéia, que ainda está em exame — descontrou Galvães ontem, após o almoço.

— A idéia precisa ser examinada. Ela traz consigo a credibilidade necessária por ter sido lançada por um banqueiro suíço — disse, mais entusiasmado,

o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano.

Boa-vontade europeia

Segundo Galvães e Serrano, a conversão da dívida em dólar para outras moedas e o seu pagamento em bônus dependerá de uma análise minuciosa sobre a inflação futura dos Estados Unidos e das principais economias europeias, assim como das taxas de juros norte-americana (prime-rate), inglesa (Libor) e de outros países, como a própria Suíça.

De acordo com um alto assessor da área econômica que participa das negociações externas, além dos banqueiros suíços, os alemães e holandeses — e até mesmo os franceses — podem concordar com a mudança do perfil da dívida brasileira. O Brasil deve a eles cerca de 15 bilhões de dólares. Os banqueiros ingleses e norte-americanos, no entanto, segundo o assessor, mostram-se inflexíveis a qualquer inovação no tratamento da dívida brasileira para com eles, de cerca de 70 bilhões de dólares. A posição dos demais credores é uma incógnita.